



This is not a
romance novel

LITTLE RED RIDING CROP

Exclusive prequel to
THE SIREN

TIFFANY REISZ





THE ROSE



TRADUÇÕES

Disponibilização: Stella

Tradução: Sofia M

Revisão Inicial: Nick

Leitura Final e Formatação: Nanna Sá

Little Red Riding Crop
ORIGINAL SINNERS 0.6
Tiffany Reisz

Novatos.

Nora revirou os olhos quando ela levantou seus pulsos algemados e fingiu coçar sua orelha. Na maioria dos dias ela amaldiçoava seu cabelo preto incontrollável por sua quantidade de ondas e cachos que demorava uma hora para domar. Mas ela adorava em dias como estes.

Com um movimento rápido de seus dedos ela tirou um pino de cabelo e sorrateiramente dobrou-o na forma perfeita. Em menos de cinco segundos, tinha estalado abertas as algemas bem no instante que o detetive Cooper caiu na cadeira atrás da mesa.

Piscando os olhos verdes escuros para ele, Nora jogou as pernas com botas sobre a mesa, cruzou os pés nos tornozelos e jogou as algemas para ele.

Cooper não tinha patrulhado por algum tempo, mas ele ainda tinha seus reflexos de rua. O detetive perversamente belo pegou as algemas com a ponta de seus dedos.

— Sério, Nora. — Ele segurou as algemas para cima, — quer ser presa?

Ela inclinou a cabeça para o lado e sorriu para ele.

— Não é essa a pergunta que eu normalmente faço, Coop? — Com um gemido, Cooper esfregou a testa. Ela nunca antes tinha visto um homem negro corar tão completamente. Parte dela queria engatinhar sobre a mesa e beijá-lo apenas para fazer a humilhação pública completa. A pequena, mas bem constituída branca Dominatrix em botas de cano alto de couro vermelho, uma minissaia vermelha e preta, com um espartilho combinando, rastejando sobre a mesa de um resistente detetive de 1,80m e dando-lhe um beijo na ponta do nariz? A tentação de mostrar o detetive Cooper como um secreto homem submisso quase venceu ela. Mas se conteve.

Número um, ela gostava de Cooper e não faria isso com um cara tão legal. E número dois, ela era uma profissional. Nada de brindes para ninguém.

— Nora... — Ele se recostou na cadeira e estudou-a com uma mistura de nojo e diversão mal disfarçada. — Você não pode tirar as algemas de si mesma. É considerado resistência à prisão.

— Então diga aos seus malditos novatos que quando prenderem uma Dominatrix profissional, eles podem querer algemar as mãos atrás das costas, em vez de na frente.

— Isso realmente teria parado você?

Nora pensou nisso por um momento.

— Provavelmente não. Mas teria me abrandado. Posso ir agora?

— Com pressa?

— Lugares para ir. Pessoas para bater. E você e eu sabemos que não fiz nada de errado. S & M não é ilegal no estado de Nova York.

Cooper abriu um arquivo quase tão alto quanto a caneca de café dele — o arquivo dela.

— A empregada que foi a casa para pegar o celular dela ouviu ‘gritos angustiantes’ como ela mesma citou, acho que não é o caso de discordar.

— A empregada não estava pagando para levar uma surra. Meu cliente estava. Só ele pode prestar queixa, e ele não vai, porque ele está com medo de mim. Ele paga extra para ter medo de mim. Então, estou indo, né? Você está me deixando ir, não está? Diga, ‘Sim, senhora.’

Cooper suspirou profundamente.

— Coop. Diga. — Nora ordenou.

— Tudo bem. Sim, senhora. Você é livre para ir, — disse ele e Nora puxou as pernas da mesa e começou a se levantar. — O chefe está lá fora esperando por você, de qualquer maneira.

Ela caiu na cadeira novamente.

— Algemas, coloque-as em mim. Agora. Feche. Fechadura e chave. Nunca me deixe sair. Por favor, por favor, por favor, Coop. Esta sou eu te implorando. Grave isto. Você nunca vai ouvi-lo novamente.

— Tão ruim, hein?

Nora suspirou dramaticamente, fazendo um beicinho e afundado na cadeira.

— Ele vai gritar comigo.

Cooper revirou os olhos escuros para ela.

— Nora... Cresça. Você é uma Dominatrix. Tenha um pouco de dignidade.

— Mas ele tem o sexy sotaque francês e toda o *“Estou muito decepcionado com você”* e essa coisa toda, e eu simplesmente não posso lidar com isso agora.

Nora virou olhos suplicantes para o detetive.

— Saia. Daqui. — Ele acenou com a mão para a porta. — Corra antes de você me envergonhar ainda mais.

Com um grunhido, Nora levantou-se da cadeira e olhou para baixo, para Cooper, dando-lhe o seu melhor olhar Dominante.

— Nós ainda estamos combinados para quinta-feira às oito? — Perguntou ela.

— Oh, inferno sim, — Cooper abriu um sorriso.

Ela pegou sua bolsa de brinquedos do chão perto da mesa e atirou-a por cima do ombro.

— Até mais tarde, Coop. Não faça nada que eu não faria.

— Nós já descobrimos o que seria isso? — Ele gritou atrás dela.

Nora chegou ao corredor delegacia.

— Não.

Assim que ela saiu um pingo de chuva atingiu sua testa. Não querendo arruinar o couro, ela pulou agilmente os degraus da escada em direção a um Rolls Royce cinza em marcha lenta em frente da delegacia. Um motorista saiu e abriu a porta para ela. Atirando-se para dentro, Nora aterrizou no colo de um homem encostado no largo assento.

O homem ergueu a sobrancelha e olhou para ela quando puxava para uma posição sentada.

Lentamente, o Rolls se afastou da calçada e o homem ainda não falou. Bem, se ele queria uma competição de olhares, ele teria uma competição de olhares. Nora prendeu os olhos nos dele e esperou. Ela podia fazer isso para sempre se ela tivesse que fazer. Afinal de contas, não havia muitos homens em Nova Iorque, inferno, até mesmo no mundo, mais divertido para se olhar do que Kingsley Edge. Longos cabelos escuros presos hoje à noite em um rabo de cavalo, olhos castanhos profundos, pele bronzeada... Em seu longo casaco militar, colete bordado e botas de montaria ele parecia tão malditamente bonito que ela queria dar um tapa nele por isso. Mas ela se absteve. Kingsley adoraria muito isso.

— O quê? — Ela perguntou, quando ele ainda não tinha falado depois de trinta segundos de competição de olhares.

— *Ma chérie...* Eu não sei o que fazer com você.

Ainda pior do que ser bonito, ele tinha aquela porra de sotaque francês que ela tinha que aturar.

— Fazer o quê comigo? Eu não fiz outra coisa senão o meu trabalho. Não é minha culpa que a empregada ouviu o embaixador gritando como uma alma penada.

— Você rasgou a pele.

Nora sacudiu a cabeça e olhou para fora da janela na parte de trás. Atrás deles, ela viu um SUV com um marido de aparência normal, olhando para o volante e uma esposa perfeitamente simples apontando para algo do banco do passageiro. Seus filhos pequenos, provavelmente, sentados no banco de trás com pequenos saquinhos de Cheerios e seus lápis de cor. Pessoas normais, Nora disse a si mesma. As pessoas normais não tinham este tipo de conversas com seus chefes.

Ela estava feliz que ela não uma pessoa normal.

— Ele dá melhor gorjeta quando você o faz sangrar.

— Você foi longe demais esta noite, — disse Kingsley, cruzando uma longa perna sobre a outra. — Eu quero saber o por quê.

Com relutância Nora levou seus olhos de volta para os dele.

— Eu estava apenas... estressada. Acho que eu descarreguei no senhor embaixador.

Kingsley estendeu a mão e descansou a mão no seu joelho direito bem onde o topo da bota encontrava a coxa.

A sensação dos dedos dele em sua pele a levou a tomar uma respiração rápida, uma respiração rápida que Kingsley claramente ouviu.

— Estressada, *ma chérie*? Ou frustrada? — Ele subiu a mão uns centímetros mais para cima na perna.

— Frustrada, — ela confessou. — Eu trabalho o tempo todo, King. Eu não tenho tempo para... mim mesma.

O estômago de Nora apertou quando a risada sensual de Kingsley encheu a parte de trás do carro.

— Quantos anos você tem? — Perguntou Kingsley.

— Você sabe quantos anos eu tenho.

— Responda-me, *chérie*.

Nora expirou ruidosamente.

— Trinta e um.

— Trinta e um anos de idade... e é a mulher mais bonita de Nova York. Não há nenhuma razão para você estar dormindo sozinha.

— Além do fato de que um certo alguém me faz constantemente trabalhar, então não posso ter um único dia de folga.

Em uma boa semana Nora podia fazer de dez a quinze mil dólares dos seus clientes ricos e excêntricos. Em dois anos, Kingsley tinha-a transformado na mais procurada Dominatrix nos Estados Unidos. Alguns clientes voaram do outro lado do país ou mesmo de outros países por algumas horas de seu tempo. Com Kingsley ficando com quinze por cento de cada centavo que ela fazia, ele manteve seu horário tão completo quanto possível. E ela estava começando a ficar de saco cheio.

— Eu não tive sexo com ninguém além de mim mesma em dois meses.

Os olhos de Kingsley se arregalaram em choque. Se Kingsley ficasse dois dias sem sexo... não, linha de pensamento inútil. Kingsley nunca iria ficar dois dias sem sexo.

— Dois meses? *Quelle horreur, ma chérie.*¹ Certamente há algo que eu posso fazer para compensar você...

— Um dia de folga daria. Ou dois. Ou...

— Ou...?

Kingsley trouxe a outra mão entre os joelhos e afastou suas coxas.

¹ Que horror, minha querida.

— King..., — disse Nora em tom de aviso, uma advertência que Kingsley não prestou atenção. Ele trouxe sua boca para baixo e beijou joelho nu. Lentamente, ele empurrou sua saia mais para cima com a boca.

— Eu estou ao seu serviço, *Maîtresse*, — ele sussurrou contra sua pele.

Nora gemeu na parte de trás de sua garganta. Porra de homem. Todos do submundo de Nova York consideravam Kingsley Edge o Rei² do kink. Sotaque sexy, rosto bonito, corpo bonito, passado misterioso... Ele nasceu para ser o Dominante perfeito e teria sido se não fosse por um pequeno detalhe — secretamente, ele era um Switch³.

Assim como ela.

— Suas ordens, *Maîtresse*?

— Basta continuar fazendo isso. Vou pensar em algumas ordens em um minuto ou dois.

Ele deslizou sua calcinha por suas pernas e as coxas de Nora se abriram.

² Todos o chamam de King. King é Rei em inglês.

³ Switch é uma pessoa que transita entre os dois papéis do BDSM: em um momento você é o dominador, em outro é o dominado

— Você não me deixa fazer isto com qualquer um dos meus clientes, — Nora lembrou-lhe quando ele separou suas dobras com as pontas dos dedos. Ele beijou seu clitóris suavemente no início e depois com mais força e fome.

Kingsley parou por um momento para responder:

— Eu não tinha planejado pagá-la por isto.

— Bom. Porque eu estou fora do que você pode pagar. —

Ela enfiou os dedos pelos cabelos dele e empurrou a cabeça de volta para baixo. Quando Kingsley soprou sua rica risada francesa nela, Nora engasgou. Um tornozelo com botas pousou na parte de trás do assento. Lá. Isso daria ao Sr. e Sra SUV atrás deles algo para falar.

Nora agarrou-se ao interior de couro quando Kingsley empurrou dois dedos dentro dela e encontrou o ponto G. Ela apertou em torno de sua mão enquanto seus quadris se levantaram. Ele trabalhou nela com toda a magia que a língua francesa dele tinha. Os músculos da parte inferior das costas dela apertaram. A pressão se construiu dura e alta. Depois de alguns minutos de tratamento de Kingsley Edge, ela veio com a força depois de dois miseráveis meses de celibato.

Ofegante, ela levantou a cabeça e observou Kingsley sentar e passar a parte de trás da sua mão sobre os lábios molhados. Ela queria beijá-lo, para provar a si mesma, para agradecer pelo prazer e a atenção. Mas ele era o seu chefe. E ela dificilmente agradeceria ao homem por um orgasmo quando ele tinha sido razão no qual ela tinha ficado dois meses sem isso.

— Adorável, — Nora disse, enquanto puxava a perna da janela traseira. — Mas isso só compensa uma semana.

Kingsley deu-lhe o seu melhor beicinho francês.

— Oh bem. Duas semanas então. Mas vai ser preciso mais do que isso — Nora fez uma pausa, percebendo que de todas as pessoas, ela não conseguia encontrar um equivalente feminino de boquete, decidiu inventar um, — um V.J.⁴ no banco traseiro para compensar dois meses de nada.

Kingsley suspirou quando ele se sentou para trás e ajustou as calças. É evidente que ele estava com vontade de compensar mais uma ou duas semanas.

— Por favor... — Nora olhou para ele e deixou a máscara da infame Dominatrix cair. — Estou cansada, King. E eu estou...

⁴ Blowjob ou BJ é boquete em inglês. VJ será Vagina Job.

— Ela não conseguia escolher a palavra. Kingsley disse "frustrada". O termo mais preciso seria "solitária".

Ele estudou seu rosto em silêncio. Ele deve ter visto a verdade em suas palavras, em seus olhos. Ela sentiu sua resistência ceder.

— Você é uma mulher perigosa, Nora Sutherlin. Esta é a última vez que eu contrato alguém mais manipulador do que eu.

— Aprendi com o melhor. — Ela sorriu para ele, um sorriso vazio que cobria a solidão que ambos sentiam pelo único homem que podia torcer a ambos em torno dos dedos perfeitos dele. Mas ela não iria pensar nele hoje. Ou nunca mais.

Nora não disse mais nada enquanto observava Kingsley lutar com o pouco que restava de sua consciência.

— Um mês de férias.

Nora afundou no assento. Ela podia ter chorado de alívio e beijado o Francês para fora do homem com gratidão, mas...

— Mas.

— Mas? Eu devia saber que haveria um mas. — Nora sentou-se novamente e deu ao “mas” de Kingsley a atenção merecida.

— Mas eu preciso que você faça um favor em primeiro lugar. Complete a missão com sucesso, e eu vou dizer ao Submundo que seus serviços estarão na Europa pelo próximo mês. Eu vou mesmo enviá-la para a Europa, a um país de sua escolha.

Nora levantou a sobrancelha.

— Que tipo de missão é essa? — Para ganhar um mês inteiro de folga mais uma viagem para a Europa à custa do Kingsley, Nora sabia que ela provavelmente teria que matar alguém. Dois meses sem sexo e ela estava pronta para isso.

— Black Forest⁵. Eu preciso que você vá lá.

Os olhos de Nora se arregalaram.

— Kingsley... isso é...

— Eles têm mais medo de nós do que nós deles.

— Então por que você está me mandando em vez de ir você mesmo?

Kingsley cruzou os braços sobre o peito e jogou as botas no banco ao lado das coxas dela. Cada movimento dele parecia concebido para mostrar o quão relaxado, quão despreocupado estava. Ela não comprou isso.

⁵ Floresta Negra em inglês.

— Eles nunca me deixariam entrar. Eu sou o inimigo.

— E eu trabalho para você o que também me faz ser inimigo, — ela lembrou-o.

— Black Forest anda a caça dos meus funcionários. Eles levaram a Mistress⁶ Irena no mês passado.

— Eu sei mas...

— Hunt saiu hoje.

Nora tinha ouvido falar sobre Irena, a Dominatrix russa de Kingsley, ter desertado para o Black Forest—o único clube BDSM em Manhattan, que podia ameaçar o Império do Submundo de Kingsley. Isso tinha ferido. Mas perder Hunt, o homem submisso mais sexy de toda a Nova York e um dos muitos companheiros de cama de Kingsley, isso era pessoal.

— Então, eu tenho que ir lá fazer o que? Pedir Hunt de volta?

— Black Forest é um mistério até mesmo para mim, — disse Kingsley. — Ninguém nunca chegou a conhecer La Grande Dame. Ela não retorna minhas chamadas, não responde às minhas notas...

⁶ Senhora, mestra, amante. Mistress e o nome dado a um Dominatrix

— Ela é inteligente, então. — Ela tinha ouvido falar de La Grande Dame ou apenas A Dama para o Submundo. A Dama era uma figura fantasma. Kingsley posicionou-se como o Rei do Submundo, a face do kink. Ele não tinha vergonha e vivia tão publicamente que teria trocado ações na bolsa de valores se os negócios fossem legais. Mas A Dama não tinha rosto nem nome que Nora já tivesse ouvido. Ela não podia ser tocada, não podia ser influenciada e, mais importante, não poderia ser seduzida por Kingsley Edge.

— Demasiado inteligente. Eu não gosto de não conhecer o meu inimigo. Vá e se puder, descubra alguma coisa, qualquer coisa para mim. Um nome. Um rosto. Ou, pelo menos, faça-a parar de roubar o meu pessoal. Qualquer coisa e você terá o seu mês de férias na Europa. Se você conseguir Hunt de volta, você pode levá-lo com você.

— Agora isso é uma oferta séria. — Nora sabia que ela realmente não tinha nada a perder. Na pior das hipóteses, eles não iriam deixá-la entrar, ela não iria ter um mês de folga, e a vida continuaria como de costume. Nenhum perigo real envolvido, exceto o fracasso. Nenhum perigo real para... mas

certamente não. Ele não estaria lá... estaria? — Brad não está lá ainda... ele está?

Kingsley não respondeu.

— Merda. — Nora desabou para o lado.

— Um mês, *chérie*. Sim ou não?

Nora endireitou-se novamente.

— Tudo bem. Bem, bem, bem. Eu vou. Eu irei. Talvez Brad não esteja lá hoje. Eu vou hoje?

— Você vai agora mesmo.

Kingsley acenou com a cabeça para a janela. O Rolls Royce tinha puxado até um beco escuro envolto por duas árvores frondosas. As árvores tinham inspirado o nome de Black Forest. Primeiro, não se vê regularmente grandes árvores em Nova York, exceto no Central Park e ainda assim estas duas aparentemente tinham surgido do nada para servir como guardiões da Black Forest.

Quando ela olhou para o beco escuro, a água começou a bater no teto do carro enquanto a chuva virava tempestade.

— Não. Hoje não é bom. Eu não posso ter o meu couro molhado.

Kingsley alcançou debaixo do assento e tirou uma capa vermelha com um capuz.

— Não há mais desculpas.

Com um grunhido, Nora pegou o manto e puxou-o ao seu redor. Ela cobriu os cabelos com o capuz e olhou mais uma vez para o beco.

— Se eu não conseguir voltar viva diga ao Você-Sabe-Quem...

— Você vai ficar bem. Vá. *Vite!*"

Kingsley acenou com a mão.

Nora suspirou.

— Você vai esperar aqui por mim, certo?

— *Bien sûr*⁷, — disse Kingsley.

Balançando a cabeça, Nora abriu a porta e saiu para a chuva. Só para ficar no lado seguro, ela trouxe sua sacola de brinquedos com ela. Os itens no seu saco de brinquedos foram projetados para infligir dor — dor consensual, mas dor mesmo assim. Se ela estava indo para Black Forest, ela iria armada.

⁷ Claro.

Olhando para o beco escuro, ela se preparou. Ela poderia fazer isso. Ela tinha Kingsley como segurança no caso de qualquer coisa...

Atrás dela, ela ouviu o som de pneus cantando. Kingsley tinha desaparecido.

Nora só podia revirar os olhos.

— Fodido francês... — ela murmurou enquanto ela caminhava para frente. — É como a Segunda Guerra Mundial mais uma vez.

Sendo início da tarde, o clube ainda não tinha aberto. Os saltos de suas botas ecoaram no concreto molhado e o som seguiu-a até a porta verde da entrada da Black Forest.

Um raro nervosismo percorreu Nora. Ela tinha batido em alguns dos maiores, e mais duros homens do mundo, e eles pagaram o suficiente para esse privilégio. Mas eles queriam ela, convidaram-na. Aqui, na Black Forest, ela veio indesejada, sem ser convidada. Para consolar-se, ela pegou a chibata vermelha de sua bolsa de brinquedos e segurou-a pela alça. Nunca se sabe...

Nora tentou a maçaneta da porta e encontrou-a bloqueada. Sem preocupações. Ela começou a abrir a bolsa de

brinquedos para cavar pelo conjunto de arrombamento quando a porta se abriu tão de repente que ela engasgou.

O homem não disse nada, não fez perguntas, e não fez apresentações. Claro, ele não precisava dizer nada ou fazer apresentações. Nora conhecia Brad, tinha-o visto antes, tinha-o encontrado antes... mas não importa quantas vezes ela tinha-o visto, ela nunca podia envolver sua mente em torno do tamanho do homem.

Com 1,80m ele não era mais alto do que o seu ex-amante. Mas onde a maioria dos homens altos geralmente eram magros, Brad era músculo de ombro a ombro, pescoço ao tornozelo, e tão perversamente bonito, com seu sorriso de lobo e seu cabelo cinza que Nora não podia olhar para ele sem querer ficar quadril contra quadril.

Inimigo, recordou-se severamente. Nada de confraternizar com o inimigo.

— Você não deveria estar na academia? — Nora recuperou a postura rapidamente. — Eu posso ver seus músculos diminuindo a cada segundo.

— Bem... — ele disse, olhando Nora de cima para baixo. Ele pareceu tomar particular atenção do que ela tinha na mão e

o manto vermelho como assinatura. — Se não é a Pequena Chibata Vermelha.

Nora deu-lhe o mais brilhante, mais amplo, mais detestável sorriso.

— Se não é o Grande Brad Wolfe. Nós nos encontramos de novo.

— E eu nem mesmo estou vestido adequadamente. — Brad usava nada além de um par de calças pretas largas e uma camisa preta... desabotoada.

— Eu tenho essa mesma camisa. — Nora bateu levemente no queixo. — Bem, na verdade, é um lençol de cama. Mesmo tamanho. Muito confortável.

— Eu ouvi contos de sua cama, Mistress. Lendas urbanas.

— Eu moro em Connecticut. Eles teriam que ser lendas suburbanas. Já ouvi falar de sua cama também. Árvores como postes de cama, certo?

— Você está me confundido com Odysseus.

Nora levantou uma sobrancelha, impressionada apesar de si mesma.

— Músculo e cérebro, eu nunca teria imaginado. Mas, novamente, eu não sei nada sobre você.

— Nascido em Albany. Joguei futebol em Rutgers. Estudante em Rhodes. Ama kink. Odeia empregos normais. Divorciado. Sem filhos. Ai está. Esse é o início e o fim da minha história de vida.

— Divorciado, hein? Ex-mulher baunilha?

— Como você adivinhou?

— Eu sou inteligente também. Costumava foder com um estudante de Rhodes. A propósito... você vai me convidar para entrar?

— Eu devia?

Nora pensou sobre essa questão e decidiu que a honestidade iria ganhar-lhe mais pontos do que charme.

— Não.

Brad levantou uma sobrancelha escura para ela e não disse nada. Talvez ela devesse ter escolhido o charme.

Enquanto esperava que Brad se decidisse, Nora começou a girar seu chicote na mão como um bastão. Ela fazia isso muitas vezes para queimar energia da tensão nervosa.

Brad apenas observava. Quantos malditos jogos ela ia começar hoje com homens incrivelmente sexy?

— Se eu deixá-la entrar, você promete não quebrar nada...
ou alguém?

Nora girou a chibata mais uma vez.

— Não.

— A Dama terá a minha pele se eu deixá-la entrar e você sabe disso.

— Então vamos esperar que você esteja interessado nesse tipo de coisas.

Nora sorriu de novo para ele, o sorriso que ela reservava para as restritas conversas de meia-noite sussurradas nos lençóis negros. Pareceu funcionar. Brad deu um passo para trás e deixou-a passar.

Finalmente dentro da Black Forest, Nora demorou um momento para simplesmente olhar ao redor. O Império Subterrâneo de Kingsley incluía meia dúzia de clubes em todo Manhattan. Mas ele só tinha um clube que existia apenas para sua espécie. O 8º Circle, como era conhecido pelos conhecidos, tinha sido esculpido a partir das ruínas de um antigo hotel condenado. Kingsley não tinha feito muito para enfeitar o prédio. O pouco aspeto do clube se ajustava a clientela. Mas onde o 8º Circle atendia dinheiro, Black Forest cheirava a ele.

Lustres pretos com lâmpadas de luz negra balançavam baixo do teto em preto-e-ouro. Cadeiras de couro e sofás espalhados pelo andar.

Uma dúzia de portas alinhava o primeiro e segundo andar — portas que davam para salas privadas para atividades secretas.

— Você não gosta, não é? — Brad ficou atrás dela, tão perto que ela podia sentir o calor de sua pele irradiando de seu peito nu.

— Um pouco classe média, não é? Faz lembrar um Rotary Club⁸.

— É um inferno muito mais agradável do que esse buraco de merda em que trabalha.

— Exatamente. Não temos que ter um aspecto bonito para ter os nossos milionários atravessando a porta. Eles conseguem isso em casa.

— Black Forest está indo muito bem.

— Não deve estar funcionando tão bem se precisam caçar o pessoal do Kingsley. — Nora se virou e tentou olhar Brad

⁸ Clube de empresários.

abaixo. Teria funcionado, mas ela tinha que olhar muito para cima para olhá-lo para baixo...

— Kingsley faz o pessoal trabalhar até ao cansaço. Sem dias de folga. Sem pausas. Nada de férias.

— Ele é um sadista.

— Ele é um chefe ruim.

— E A Dama é muito melhor?

— Ela é, na verdade.

— Então eu deveria conhecê-la, — disse Nora, indo em direção as escadas. — Podemos falar do plano de aposentadoria e do seguro odontológico. Você tem seguro, certo?

Para um homem construído como um linebacker⁹, Brad podia se mover com uma chocante velocidade. Ele se interpôs entre Nora e a escada e olhou para ela.

— Isso não é justo. — Nora lançou-lhe um beicinho. — Se eu não posso te olhar de cima para baixo, você não pode me olhar de cima para baixo também.

— Você está no território da A Dama. Ela faz as regras. Eu aplico-as.

⁹ Posição no Futebol Americano.

— Ótimo plano. Eu gostaria de falar com ela sobre isso. —
Nora tentou empurrar Brad e passar por ele, mas não obteve nada além do habitual problema e alguns deliciosos segundos com a mão em seu peito.

— Ninguém fala com A Dama.

— Então eu vou apenas ouvir.

— Ninguém escuta A Dama também.

— Fantástica chefe que você tem aí então. Vamos, Brad. Cinco minutos. Tudo que eu preciso é de cinco minutos com ela.

— Para quê? Você está realmente pensando em deixar Kingsley por este Rotary Club de classe média, como você o chama?

— Eu não sei. Talvez. Deixe-me falar com A Dama. Se ela me fizer uma oferta que não posso recusar... bem, então eu não vou recusar.

— Eu faço o recrutamento para o clube.

— Bem, então... — Nora deu um passo para trás e bateu em seu queixo com a ponta da chibata. Ela viu algo quente que atravessou brilhando nos olhos escuros de Brad. — Talvez você devesse tentar recrutar-me.

— Eu tenho Mistress Irena agora, juntamente com quatro outras Dominatrixes, mais três Dominantes masculinos, inclusive eu. Nós não estamos contratando mais Doms.

— Pena. Eu tenho um currículo invejável. E uma lista de clientes enorme. Todo mundo está nela.

— Todos?

— Seu pai está nela.

Brad começou a rir e Nora só esperou com um sorriso.

— Você deve ser punida por trazer meu pai para esta discussão, — disse Brad, levantando a mão para o rosto dela. Nora não se afastou. Ele podia dar um tapa nela. Ele podia apertar o nariz. Ele podia até mesmo beijá-la. Ela não teria se oposto a qualquer uma ou todas essas possibilidades.

Mas em vez de um tapa ou um beliscão ou um beijo, ele simplesmente acariciou sua bochecha com o polegar. Ela se assustou com a gentileza, a intimidade do toque e deu um passo para trás.

— Pare, o que foi isso? — Ela perguntou, levantando a mão para sua bochecha. A carícia queimando mais do que um tapa teria feito.

— Você é linda.

— E você é enorme e bonito. Mas você não me vê por aí ser toda pessoal e carinhosa com o seu rosto.

— Gostaria de ser pessoal com a minha cara?

— Eu... — Nora parou e engoliu em seco. Ela precisava voltar para o controle dessa situação. Ela podia lidar com Brad. Ela podia lidar com qualquer homem. Bem, com exceção de um... — Você está tentando ficar no Topo, não é?

— Eu te disse. Estamos com todas as vagas preenchidas para dominatrixes. O que realmente precisamos são algumas boas subs.

A espinha de Nora endureceu.

— Eu não faço sub.

— Não mais, certo?

Nora olhou para ele.

— Vamos, Nora. Todo mundo sabe a quem você pertencia. Não é um segredo.

— Não é um segredo, não. Mas nada do qual eu quero falar.

— Foi assim tão ruim ser uma sub por ele?

Nora deixou o mais perigoso sorriso aparecer em seu rosto.

— Não. Foi assim tão bom.

— Então você deve desfrutar fazê-lo novamente.

— Você é um grande homem, Brad, mas nem mesmo você poderia ocupar o lugar dele.

— Vale uma chance, não é? Você quer conhecer A Dama, então você tem que passar por mim.

— Por você? Ou em você?

— Ambos.

Nora ficou em silêncio e considerou a oferta. Não era como se ela nunca tivesse sido sub antes. Ela tinha sido uma sub mais tempo do que tinha sido uma Dominatrix—dez anos que ela passou em uma coleira. Dez bonitos anos. Mas ela não podia fazer isso novamente. Podia?

— Nada de coleira, — disse ela com finalidade. — Uma hora com você no topo. Eu fico sub. Então eu recebo meus cinco minutos com A Dama.

Brad encostou-se ao corrimão da escada e estudou-a com seus olhos azuis.

— Nora... Nós dois sabemos que você não vai deixar o King pelo Black Forest. Por que está tão interessada em falar com A Dama?

— Eu tenho minhas razões.

— Você vai me dizer as suas razões?

— Não.

— Claro que, se você se submeter a mim, eu suponho que eu podia pedir-lhe para me dizer as suas razões.

Ao enunciar as palavras "submeter a mim" o coração de Nora começou a acelerar um pouco mais rápido, sua respiração ficou ofegante. Ela lambeu o lábio inferior, em uma nervosa antecipação.

— Sim, eu suponho que você podia.

— Chame-me de "senhor", se você quiser ver A Dama, — ordenou, chegando mais perto.

— Então... — Nora parou e respirou fundo, — quais são as nossas regras aqui... Senhor?

— Não há regras.

— Não há regras? Nem mesmo...

Brad sorriu para ela com tanta fome que Nora não tinha certeza se ele planejava bater nela ou comê-la.

— Vou tomar isso como um "nem mesmo", — disse Nora. Ela respirou fundo e lentamente deixou sair através de seus dentes. Eles não precisavam soletrar. Sem regras significava

sem regras. E a única regra dos Dominantes profissionais? Nada de sexo com os clientes. Mas ela não era uma cliente. Ela era uma Dominatrix, uma Dominatrix que realmente precisava ter sexo.

Um mês de folga.

Sem Kingsley.

Nenhum trabalho.

Europa.

— Tudo bem. Feito. Uma hora. Sem regras. Sou sua.

Brad somente olhou para ela com os lábios em uma dura linha fina. Ele levantou a sobrancelha. Mais uma vez, Nora suspirou.

— Eu sou sua... Senhor.

— Agora você é.

Brad não hesitou, sem dúvida, não querendo dar a ela a chance de mudar de ideia. Com a mão direita, ele agarrou Nora pelo braço e meio que a arrastou, meio que a carregou até as escadas. Nora baixou os olhos para o chão e deixou-o levá-la para um quarto perto do final do corredor. Ele chutou a porta abrindo-a e atirou-a para dentro. Ela caiu no chão acarpetado

de pelúcia e ficou lá sem olhar para ele enquanto ele fechava e trancava a porta.

— Quando foi a última vez que alguém bateu em você?

— Brad ficou na frente dela, seus pés em ambos os lados dos joelhos.

— Há muito tempo atrás. — Ela começou a sorrir para ele, mas lembrou seu lugar.

— Um tempo demasiado longo. Olhe para você... vestida como uma das grandes garotas com suas grandes botas de menina grande. Esta tentando brincar com as crianças grandes? É embaraçoso. É você tem sequer trinta já?

— Trinta e um... senhor.

— É você sequer tem 1,50m?

— 1,61m.

— Você é uma criança, Nora. E alguém tem de lembrar você que esta cidade não pertence a você.

Brad estendeu a mão e tocou Nora sob o queixo, um sinal de que ela devia olhar para ele. Ela encontrou seus olhos e esperou em silêncio.

— Então, é assim que faz com que você cale a boca. — Brad sorriu maliciosamente para ela e o desejo juntamente com

a rebelião brotaram dentro dela. — Devíamos fazer você se submeter mais frequentemente. Cruz. Agora.

Nora começou a se levantar, mas Brad colocou a mão no ombro dela e empurrou-a de volta para baixo.

— Rasteje até lá.

Ela escondeu seus olhos revirando por trás de seu cabelo e se arrastou em suas mãos e joelhos para a cruz de St Andrew na parede.

— De pé.

Ela se levantou e esperou enquanto Brad desamarrava seu espartilho e puxou-o dela. Ela deu uma mordida forte em sua própria língua para se impedir de sorrir enquanto Brad olhava para os seios, agora nus.

— Que desperdício... — Brad suspirou, quando ele segurou seus seios nas grandes mãos. O calor de suas mãos afundou em sua pele. Nora quase suspirou de prazer de seu toque, mas não queria lhe dar a satisfação. — Uma mulher tão bonita... você devia passar os seus dias e noites nua amarrada a cama de um homem, amordaçada e vendada com o seu corpo à espera de ser usado.

Ele amassou o mamilo direito dela e Nora fechou os olhos.

— Mas, em vez disso, Kingsley mantém você trancada em roupas de couro. — Brad beijou aquele ponto sensível sob o ouvido quando ele abriu o zíper da saia. Nora suprimiu uma respiração irregular. Ela não queria desejar isso tanto quanto ela queria.

Ela tinha que se controlar, manter o foco, deixá-lo fazer o que ele queria para que ela pudesse conseguir o que queria e sair. Mas ela não conseguia lembrar o que ela queria.

Brad puxou a saia para baixo dela antes de tocar seu clitóris suavemente com a ponta do seu dedo.

Ah sim. Isso era o que ela queria. Agora ela se lembrava.

Nua além das suas botas, Nora ficou esperando enquanto Brad a atacava com o mais suave dos beijos em seu pescoço e ombros, o mais cuidadoso dos toques em seus seios. O freio dele era a mais pura forma de tortura para uma mulher que não tinha sido fodida em dois meses.

— Vire-se, — ele ordenou, mas não esperou para que ela cumprisse. Ele simplesmente a girou e forçou-a na cruz. Nora descansou sua bochecha contra a madeira lisa e esperou. Tantas

recordações encheram sua mente... memórias de noites que ela tinha deixado para trás com um só homem, o único homem, que ela já amou...

— Você gosta? — Brad perguntou quando ele amarrou seus pulsos e tornozelos na cruz em forma de X. — Eu mesmo que fiz.

— É linda. — Nora falou com sinceridade. Ela reconhecia um bom trabalho quando via. — Robusta. Eu gosto da tinta preta. Se parece muito com a do meu porão em casa.

— Você mantém uma cruz de St Andrew em seu porão? Você é mais kink do que eu pensava.

Nora deu de ombros.

— É bom para secar roupa.

— Pronto. Isso é uma surra para você. — Brad se afastou e Nora sorriu para a viga.

— Oh... droga.

Ela se preparou quando, atrás dela, Brad chicoteou o ar com um chicote. A partir do som, ela poderia dizer que ele tinha escolhido um pesado. Batia o ar, em vez de cortar através dele. Isso iria machucar.

Bom.

O primeiro golpe aterrissou sem uma palavra de advertência, mas ela conseguiu abafar quaisquer gritos de dor ou choque.

O segundo aterrou ainda mais forte, mas Nora ainda manteve o silêncio. Sádicos e Dominantes adoravam forçar uma reação de seus subs — prazer, dor, choque, vergonha, não importava desde que o submisso os divertissem com seus gemidos e suspiros e pedidos de misericórdia. Mas Nora não daria a Brad essa satisfação.

Depois de alguns minutos, ele deixou cair o chicote e Nora ofegava tão silenciosamente como podia, enquanto suas costas queimavam e doíam. O que ele faria a ela a seguir? Bater com a vara? Um chicote de uma tira? Uma palmatória? Ela teve isso tudo antes. Nada do que ele fizesse iria chocá-la ou surpreendê-la.

Atrás dela, ela ouviu um movimento, o farfalhar de tecido. Ela engasgou quando Brad pressionou seu corpo contra suas costas. Ela não sentiu nada além de pele e desejo contra ela.

— Agora eu sei como obter uma reação de você. — Brad riu em seu ouvido. Sua ereção pressionou para dentro dela. Ela

sentiu uma gota de algo quente e molhado na parte inferior das costas.

— Eu prometo... Eu estou reagindo, — ela sussurrou enquanto Brad passou as mãos para cima e para baixo nos lados de seu corpo... Sobre sua caixa torácica e na cintura, para baixo em seus quadris e coxas e para cima novamente. Ele enfiou a mão entre as pernas abertas e empurrou dois dedos dentro dela. Eles entraram com facilidade, seu corpo molhado dando-lhe nenhuma resistência.

— Boa reação.

— Obrigado, Senhor.

Brad mordeu no pescoço dela com força suficiente que ela se encolheu.

— E isso foi uma ainda melhor. Pergunto que tipo de reação que eu vou conseguir quando eu te foder.

— Só há uma maneira de descobrir, — Nora respirou, quando Brad empurrou um terceiro dedo dentro dela.

— Bem verdade... Você sabe, Nora, por aquela pequena proeza, você se mantendo em silêncio enquanto eu estava batendo em você, eu vou ter de puni-la. Eu acho que talvez eu vá puni-la te fodendo tão forte que você vai gritar por mim.

Agora Nora riu.

— Eu não grito, Senhor. Eu faço os outros gritar. Na verdade, foi assim que eu acabei na delegacia de polícia esta manhã.

— Você não grita? Você diz isso como se fosse um fato, — disse ele, desamarrando-a da cruz, — quando nós dois sabemos que eu só vou tomar isso como um desafio.

Ele a arrastou da cruz para uma pequena cama empilhada com lençóis e almofadas de seda. Puxando um travesseiro para o centro da cama, ele empurrou Nora, posicionando-o sob seus quadris enquanto ela se deitava de bruços na cama. Ela esperou enquanto ele se movia pelo quarto juntando os suprimentos. Ele era bonito, Brad era, pensou Nora. Gritar? Ela? Durante o sexo?

Brad voltou para a cama e pegou ambos os seus pulsos em uma mão. Primeiro ele enrolou uma corda de seda preta em torno deles antes de amarrá-los a um poste da cama. Ela ouviu metal e sentiu Brad forçando as pernas a se abrirem ainda mais. Ele fechou os punhos em torno de seus tornozelos com botas e prende-os nas extremidades de uma barra distanciadora. Nora respirou fundo e deixou seus quadris se abrirem e relaxar para

o alargamento de 90 centímetros. Brad devia estar com vontade de ir fundo.

— Você está tentando me fazer gritar de prazer ou dor?

— Nora provocou. Com seus tornozelos tão distantes, ela provavelmente iria sentir Brad todo contra as costelas inferiores. Bem. Iria deixar ele transar com ela assim. Ela podia tomar e iria tomá-lo... tudo por um mês na Europa.

— Não importa desde que você esteja gritando. — Ela ouviu a diversão escura em sua voz. Típico sadista — arrogante, superior, e casualmente brutal. Eles realmente eram seus homens favoritos.

Brad montou seus quadris e Nora tomou algumas lentas, calmas respirações. Ninguém tinha estado dentro dela durante dois meses. E neste ângulo nesta posição... isso não ia ser fácil.

Feche os olhos e pense na Inglaterra... Nora repetiu para si mesma o famoso conselho da noite de núpcias da rainha Victoria. Inglaterra. França. Europa. Castelos... masmorras... homens que não falam Inglês... os canais de Veneza... água batendo nos lados do barco dela... as rodas de trens passando através dos Alpes... os sons de zumbidos...

Zumbido?

Brad passou a mão sob os quadris de Nora e levantou uns centímetros para fora do travesseiro. Ela estremeceu de prazer quando ele pressionou um vibrador estilo borboleta contra o clitóris dela. A mão nas costas dela a guiou de volta para baixo no travesseiro, o vibrador firmemente aninhado contra ela, enviando ondas de felicidade reverberando através de seus quadris e estômago e coxas. Durante o zumbido ela ouviu o som inconfundível de algo a rasgar.

Nora virou o rosto na seda cor de vinho quando Brad pressionou os joelhos contra os dela. Tão molhada quanto ela estava e tão aberta, Nora tomou facilmente todo o comprimento dele dentro dela. Ela gemeu quando ele a encheu centímetro por centímetro.

— Isso é um bom começo, — ele sussurrou em seu ouvido. — Eu penso que nós podemos aumentar o volume um pouco mais.

Ele fez jus a sugestão com um impulso, forte e profundo. Nora engasgou e empurrou contra o vibrador.

O clitóris dela pulsava com a sensação. Ela puxou contra as cordas que a amarravam aos pés da cama.

— Você não pode fugir... — Brad percorreu seus ombros com beijos. Moveu-se lentamente dentro dela, puxando-se para fora até a ponta antes de empurrar para dentro. Os suspiros de Nora viraram gemidos e novamente voltando para suspiros. Brad estabeleceu um ritmo constante e não se desviou do mesmo, não importando o quanto Nora se movia debaixo dele. Manteve-a à beira do êxtase, mas não empurrou com força suficiente para enviá-la para além dele. Em vez disso, ele continuou a empurrar com precisão e controle. Parecia durar para sempre. Nora sentiu-se sair da cama quando ela caiu no ritmo do sexo. Deus, ela sentiu falta disso. E não só a penetração, a sensação física, ela sentia falta de estar debaixo de um homem, sentia falta de ser dominada, ser usada. Ela não devia gostar tanto dessa sensação. Ela colocava pensamentos terríveis em sua cabeça. Pensamentos dele... o homem que a tinha encontrado, que mudou-a e amou-a. O homem que ela abandonou e para quem não iria mais voltar.

Brad colocou as mãos sobre sua caixa torácica e cobriu os seios, segurando-os enquanto ele começava a empurrar mais forte nela. Com tanta força que ela deveria gemer de dor, mas o vibrador pulsava em seu clitóris e quanto mais ele empurrava

mais ela o queria. Sua respiração ficou mais alta, mais áspera, mais desesperada e faminta. Ela ouviu os grunhidos de prazer de Brad em seu ouvido. Ela soltou um gemido, profundo e gutural, e Brad começou a bater nela com força brutal. O prazer bateu contra a dor e empurrou de volta para o prazer. Brad chegou por baixo dela e forçou o vibrador ainda mais forte.

Nora cobriu o rosto com os lençóis. Brad cravou os dentes na parte de trás do seu ombro. Quando ela veio, ela veio com um grito que nem mesmo a cama não podia abafar. Mas nem mesmo o grito dela podia cobrir o som do gemido de Brad quando ele se encolheu e estremeceu com seu próprio poderoso orgasmo.

Passivamente Nora deitou sob Brad enquanto ele recuperava a respiração antes de puxar lentamente para fora de seu corpo dolorido.

Desatou-lhe os pulsos da cabeceira da cama, desamarrou os tornozelos da barra distanciadora. Nora rolou de costas, olhou para o corpo nu dele de cima para baixo, e riu.

— Sim, rindo de mim enquanto eu estou nu, — disse Brad, enquanto ele enrolava a corda e atava-a cuidadosamente.

Nora viu a diversão em seus olhos. — Isso é certo para você cair nas minhas boas graças.

— Eu só estou rindo porque seu apelido é tão apropriado... Mr. Big Brad Wolfe — Nora disse com nada além de apreço por ele ser todo grande. — Wolfe é realmente o seu sobrenome?

Brad deu uma piscadela.

— Nora Sutherlin é realmente o seu nome?

— *Touché*. Então, passou uma hora. E você me fez gritar, seu bastardo. Eu ganhei? Eu consigo os meus cinco minutos com A Dama?

Brad suspirou profundamente.

— Falar sobre sua motivação para me deixar bater em você e fodê-la não vai fazer você cair nas minhas boas graças.

Desta vez, Nora não podia ver o sorriso.

— Brad... você sabia que eu estava aqui para ver A Dama. Uma hora com você, cinco minutos com ela. Esse era o trato. — Nora levantou sobre os cotovelos, estremecendo com a dor entre suas pernas.

— O acordo. Certo.

— Você e eu... nós devemos ser profissionais aqui, — ela lembrou.

— Eu não fodo os meus clientes. — Brad vestiu as calças com rápida eficiência. — Nem você, pelo que eu ouvi. O que aconteceu aqui não foi trabalho.

— Sim... mas foi um monte de fodida diversão. — Ela piscou para ele e Brad finalmente abriu um sorriso.

— Eu não posso discutir com isso. Ok, se vista. O escritório da A Dama fica em frente a este no outro hall, porta preta, maçaneta vermelha. Não se preocupe em bater. Basta entrar.

— Será que ela vai ser boa para mim?

— Depende do humor dela. Vou vê-la quando sair.

Brad a deixou sem sequer um beijo de adeus. Então Nora percebeu quão estranho era ela ainda querer o beijo. Apenas sexo. Apenas uma troca. Apenas negócios.

Tendo cuidado com suas costas machucadas, Nora vestiu a saia e o espartilho e colocou o manto vermelho mais uma vez. Ela levou tempo por razões que ela não queria considerar. Ela precisava acabar com isso para que ela pudesse sair da cidade e esquecer Kingsley, a Black Forest e, especialmente, o Big Brad

Wolfe. Ela iria descansar a chibata vermelha por algumas semanas e voltar para Nova York mais cruel do que nunca.

Nora caminhou pelo corredor até a porta preta com a maçaneta vermelha. Depois de uma respiração rápida, ela virou a maçaneta, entrou e sentiu o queixo batendo no chão.

Quando ela finalmente pegou-o de novo para cima, ela somente conseguiu dizer uma única frase.

— Meu Deus, — disse Nora para A Dama, — que grande... chibata você tem.

Brad escoltou Nora para a porta da Black Forest.

— Então o que você vai dizer a Kingsley? — Ele perguntou, passando a mão para cima e para baixo no braço de Nora.

— Eu vou dizer-lhe a verdade. Eu conheci A Dama. Falei com A Dama. A Dama prometeu parar de caçar o pessoal do King, se o King prometer que vai parar de enviar espiões para a Black Forest.

— Muito bem. E se Kingsley perguntar como se parece A Dama?

Nora sorriu para Brad, lembrando da A Dama misteriosa que ninguém nunca viu, mas todos tinham ouvido falar.

— Como eu disse, eu vou lhe dizer a verdade. Vou dizer a ele que A Dama é incrível na cama.

— Você pode também dizer a Kingsley que A Dama enviará Hunt de volta para ele se Kingsley estiver disposto a dar ao pobre garoto dois dias de folga por semana.

Nora quase afundou com alívio.

— Você está dando Hunt de volta? Eu sou melhor na cama do que eu pensava.

— Top cinco da minha vida. Definitivamente.

— Obrigado, senhor. Você também não é nada ruim.

Com um sorriso final, jogado por cima do ombro, Nora deixou o clube e voltou para o mundo real, as ruas de Manhattan, as ruas que ela não podia esperar para deixar para trás. Em todo o caminho de volta para sua casa em Connecticut, Nora pensou em Brad e a estratégia brilhante da A Dama—o dono do clube que ninguém nunca viu, mas que governava seu pequeno mundo escuro por trás das cortinas da Black Forest.

Ela de alguma forma ganhou a confiança de Brad, ganhou um vislumbre por trás dessa cortina. E mais importante, tinha ganho um mês de folga, um mês na Europa.

Ela mal dormiu naquela noite, enquanto tentava decidir onde ela iria, o que ela faria com todo o seu tempo livre. Na manhã seguinte ela arrumou a mala rápido, pegou seu passaporte e decidiu reservar um bilhete no aeroporto.

O destino iria decidir seu próximo passo. Ela escolheu um destino com base no próximo voo quando ela chegou lá.

Na moradia de Kingsley, ela pegou o último salário por quatro semanas e estacionou o carro em sua garagem. No táxi, ela disse ao motorista para levá-la para JFK e deixá-la em qualquer porta que ela quisesse. Nora inclinou-se para trás no banco e fechou os olhos. Liberdade... ela ganhou um mês de liberdade. Nenhum chefe para lhe dizer o que fazer, onde ir, o que fazer, em que pessoas bater. Exatamente o que ela queria, certo? Então, por que se sentia tão desconfortável?

O táxi sacudido quando bateu em algo e Nora abriu os olhos.

— O que aconteceu?

— Desculpe, senhorita. Construção. Tive que fazer um desvio, — disse o motorista.

Nora concordou e olhou pela janela. À sua direita, viu nada menos que a entrada para a Black Forest. Ela se mexeu desconfortavelmente em seu assento quando as memórias de Brad dentro do corpo dela causaram desejo dentro do seu interior e estômago.

O táxi começou a se mover para frente e Nora soltou um "Pare!", dizendo a palavra antes dela mesma soubesse do porquê.

O motorista pisou no freio. Nora pegou sua mala e jogou uma nota de cem através da janela.

— Eu vou sair daqui. Obrigado.

Nora meio andou, meio correu para a porta da Black Forest e bateu até que os nódulos ficaram vermelhos.

A porta se abriu.

Brad ficou olhando para ela. O olhar se transformou em um sorriso que se transformou em uma risada que encheu a Black Forest.

— Deus... que grande sorriso você tem, — disse Nora, tentando controlar seu próprio sorriso idiota.

Brad agarrou-a pelo braço, puxou-a para dentro do clube e enfiou a mão sob sua saia.

Um beijo nos lábios virou em outros beijos.

— Por que... — ele sussurrou, enquanto sua boca arrastava pelo corpo dela, — tudo para te comer melhor.



Quer ficar por dentro dos lançamentos?
Siga nosso [blog](#) e curta nossa [Fanpage no Facebook!](#)